

## Revolução Sexual e Pedagogia Feminista em Ercília Nogueira Cobra

Cyana Leahy-Dios

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- VIANNA, Tyrteu Rocha. **Saco de Viagem**. 1993, 112p. Poesias. Em co-edição com IEL.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL

Fone/FAX: (051) 320.35.23

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail [edipucrs@music.pucrs.br](mailto:edipucrs@music.pucrs.br)

### Introdução

Estudos contemporâneos sobre *gênero* no Brasil vêm resgatando um número de escritoras cujo trabalho lançou as bases pioneiras para o movimento feminista no país. As professoras Peggy Sharpe e Susan Quinlan recentemente re-editaram os textos escritos por Ercília Nogueira Cobra; neste trabalho utilizo seu material.<sup>1</sup>

Cobra surge como uma escritora corajosa e excêntrica, com apenas dois textos – *Virgindade anti-higiênica* (VAH) e *Virgindade inútil* (VI) – ambos abertamente revolucionários, escritos em discurso radicalmente direto. Se a compararmos a Júlia Lopes de Almeida, outra autora freqüentemente citada dentre as pioneiras do feminismo, por exemplo, fica claro porque Ercília foi (metaforicamente) apedrejada, difamada e proibida, enquanto Júlia alcançou notável sucesso, elogiada e querida pela burguesia carioca de seu tempo. Muito embora alguns dos textos julianos sejam carregados de erotismo (notadamente o *Livro das donas e donzelas*, coletânea de artigos incluindo um texto sobre “a arte de banhar-se”), não há neles qualquer ameaça ou desafio social explícito, enquanto que a suposta “pornografia” de Ercília, cujos livros foram apreendidos

<sup>1</sup> *Viagens do Passado. Previsões do Futuro* (1996), introdução e notas de Susan C. Quinlan e Peggy Sharpe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG.

pela polícia, se deveu, a meu ver, a sua proposta abertamente transformadora, apresentada em linguagem desabrida, destemida, rebelde. Entendo que aí reside a *pornografia* ercilianiana, cuja escrita desafia tanto os preceitos básicos de uma sociedade sexista, quanto a conotação social atribuída a determinados vocábulos e expressões.

“Sim, senhores! Os homens, no afã de conseguirem um meio prático de dominar a mulher, colocam-lhe a honra entre as pernas, perto do ânus, num lugar que, quando bem lavado, não digo que não seja limpo e até delicioso para certos misteres, mas que nunca jamais poderá ser sede de uma consciência. Nunca!!!” (*Virgindade anti-higiênica*, p. 23).

Neste trabalho proponho uma leitura dos textos de Ercília Nogueira Cobra a partir de sua pedagogia literária, ou literatura pedagógica, um aspecto que a caracteriza como “intelectual de fronteira”, expressão utilizada por Henry Giroux para definir o trabalho de Paulo Freire, e que sugere a reinvenção de tradições sob a forma de transformação e crítica, longe do discurso de submissão, reverência e repetição.<sup>2</sup>

## A proposta ercilianiana

Ao se identificar para o leitor, o intelectualismo de Cobra surge não como um exercício de representação do poder hegemônico, mas sim como um ato de resistência, “um espaço de luta sobre as políticas de representação, o exercício do poder e a função de memória social”.<sup>3</sup> A fim de explicitar o que quero dizer com *revolução sexual e pedagogia feminista*, é necessário entender o papel socio-cultural de Ercília como escritora que negou seu próprio fazer literário (“Este livro não tem pretensões literárias” – VAH, p. 9), como pedagoga sem sala de aula, como feminista com uma visão muito particular de prostituição e pornografia:

<sup>2</sup> Henry Giroux (1994) *Disturbing Pleasures*, “The Border Intellectual”, p. 142: “Border crossing suggests that teachers and other intellectuals both problematize and take leave of the cultural, theoretical, and ideological borders that enclose them within... safety. [...] Being a border crosser suggests that one has to reinvent traditions not within the discourse of submission, reverence, and repetition, but [...] ‘as transformation and critique’.”

<sup>3</sup> H. Giroux, *ib.*, p. 143. Minha tradução do original: “a site of struggle over the politics of representation, the exercise of power, and the function of social memory”.

“Ora, como o critério seguido para a educação da mulher é o das poucas letras e nenhuma profissão, estas coitadas, encontrando-se da noite para o dia sem amparo, caem nos braços do primeiro libertino que encontram ou da primeira cafetina que se apresenta” (VAH, p. 13).

Seu primeiro texto conhecido, *Virgindade anti-higiênica*, um ensaio crítico de 1924 com o subtítulo “uma luta contra os preconceitos e convenções hipócritas” e um “libelo contra o egoísmo dos homens”, foi seguido da novela (nem conto, nem romance) *Virgindade inútil* (VI), de 1927, e apresentado pela escritora como sua forma de revolta contra “a educação errônea que vem sendo administrada à mulher”. Em ambos os livros, Ercília propõe um novo paradigma de educação para mulheres, baseado na aquisição de capacitação técnica que lhes garanta um certo nível de independência social e econômica, de liberdade do jugo masculino. A isso a autora chama alcançar a “verdadeira felicidade”.

Como exemplos de dependência da mulher, Ercília cita o caso de jovens sem *dote*, e das viúvas sem renda própria que, sem um provedor masculino, teriam que cair na prostituição ou depender da caridade alheia para sobreviver. Essencialmente, este é o fundamento da proposta de Ercília, que acreditava que *educação para o trabalho* seria a chave para o rompimento com a dominação masculina. A falta de uma educação adequada impedia as mulheres de se libertarem do jugo paterno ou conjugal pois, incapazes de ganhar seu próprio sustento, elas eram forçadas a se submeter a seus pais, maridos, ou até mesmo irmãos. Por isso, escreveu Ercília, “90% das prostitutas o fazem forçadas pela necessidade, e não por vício”:

“se os pais dessas infelizes, ao invés de forçá-las a guardar uma virgindade contrária à natureza, lhes tivessem dado uma profissão que lhes permitisse viver honestamente, elas lá não estariam” (VAH, p. 3).

O argumento de Ercília Nogueira Cobra em ambos os textos é desenvolvido a partir da educação, que em seu texto se organiza como educação e independência financeira; educação e liberdade sexual; e educação e participação política.

Ao tratar *sexo* como uma atividade natural para os seres humanos, independentemente de gênero, Ercília Nogueira Cobra lembrou que o estigma criado ao redor da atividade sexual servia apenas como um instrumento de controle da mulher, já que a sociedade “coloca a honra da mulher entre suas pernas”, negando-lhe o direito ao prazer físico. Desta forma, sua revolução sexual

tinha a educação como ponto de partida, bem como sua pedagogia feminista, libelo contra as imposições de um meio notadamente machista. Entendendo a imposição de *virgindade da mulher* como uma aberração inútil e contrária às leis da natureza, no âmago de sua revolução sexual estava a exigência de que a sociedade pusesse a honra da mulher em sua alma, sua moral, sua honestidade, sua consciência. Para ilustrar a moralidade ambígua dessa sociedade, Ercília descreveu suas experiências como aluna numa escola de freiras, onde ainda púbere era exposta a cartas, beijos “chupados” e narrativas sensuais trocados entre as alunas, apesar da vigilância das religiosas, que zelavam por sua inocência. Tal hipocrisia, segundo ela, era estimulada pela sociedade, para a qual a conduta moral feminina estava principalmente relacionada a seu *status* financeiro. Assim, a honra da mulher era, afinal, uma questão de dote.

Respondendo à pergunta “o que tem sido a mulher?”, Ercília descreve:

“Um dote, um engodo para os homens alcançarem altas posições, quando são ricos; carne para os homens cevarem seus apetites bestiais, quando pobres e belas; solteironas votadas a todos os ridículos, à ironia dos caricaturistas e dos humoristas faltos de assunto, quando pobres e feias. Mas a mulher é um ente humano! Tem direitos naturais, sofre e não pode continuar a servir de tapete para os pés dos homens” (VAH, p. 22).

Para Ercília, a educação deveria atingir um objetivo múltiplo, oferecendo treinamento profissional, conscientizando as mulheres de seu papel sociopolítico e econômico, com uma responsabilidade pública a cumprir. Treinamento profissional, como visto por Ercília, permitiria às mulheres “carreiras limpas e bem pagas”, ao invés dos deveres e “todas as humilhantes e irritantes formas de trabalhos domésticos, que não exigem qualquer qualificação” (VAH, p. 7). Sem direitos humanos ou civis nas fábricas, nas fazendas, no lar, onde “trabalham como bestas”, as mulheres só teriam esperança de melhores condições a partir de uma reforma educacional, que alterasse a situação de “pouca leitura e nenhuma profissão”:

“Preparem a mulher do futuro. Façam de cada mulher um ser consciente, que possa resistir ao homem e possa ser livre através de seu próprio trabalho” (VAH, p. 33).

Outro ponto fundamental em seu trabalho é a visão de educação como preparação para a participação política. Nessa área, Ercília se mostra uma feminista de vanguarda, concentrando-se tam-

bém no direito ao voto, com uma ampla visão de problemas políticos contemporâneos. Sua escrita se nos mostra ainda mais vigorosa se levarmos em conta a situação política de seu tempo (Sharpe e Quinlan lembram que, entre 1922 e 1926, o presidente Arthur Bernardes impôs estreitos limites à liberdade de imprensa e de expressão, estabelecendo rigorosa censura a todo material escrito). Ercília Nogueira Cobra faz uma alusão a isso no prefácio à segunda edição de *Virgindade anti-higiênica*: tendo tentado se defender da acusação de pornografia, ela não conseguiu que seu artigo fosse publicado em nenhum jornal, “nem mesmo na Seção Livre”: “Prostíbulos é que são imorais, não meu livro”, escreveu.

### *O cientificismo erciliano*

Parece claro que, como produto de seu tempo, Ercília sofreu as influências das filosofias positivista e liberal-humanista, do feminismo incipiente e do naturalismo literário. Há citações constantes em seu primeiro trabalho de trechos franceses escritos por higienistas, médicos, ginecologistas e psiquiatras, com as quais procura ilustrar o aspecto aparentemente incontestável da ciência, no tocante às necessidades da mulher.

[...] um grande número de mulheres não casadas, duma certa idade, educadas nos princípios duma moral severa, são doentias. As perturbações e moléstias que se manifestam com causa na continência são: a clorose, a irritabilidade nervosa, os caprichos, a histeria, a insônia, a epilepsia, as alucinações, a neurastenia, e as perturbações menstruais; em suma, toda sorte de moléstias nervosas, sendo a dor de cabeça a que predomina sobre todas” (VAH, p. 48).

Ercília afirma que “o cérebro não tem sexo”, que o ser humano é “produto do meio e da educação”, que o cérebro feminino é imbecilizado “paulatinamente, mercê de uma educação que obedece aos mais estúpidos preconceitos”, que não há inferioridade “na matéria dos tecidos que formam o corpo humano” (p. 15). Diz ainda temer a deterioração física da mulher latina, devido a sua educação:

“O músculo da mulher latina tende a desaparecer. Quem pega num braço de mulher gorda tem a sensação de estar pegando uma posta de carne. Não sente resistência nenhuma. A natureza faz tudo muito bem. O homem estragou tudo com o seu egoísmo” (VAH, p. 16).

Seu uso de um discurso cientificista caracteristicamente positivista para endossar a análise dos limites sociais impostos às mulheres se explica pelo fato de que, à virada do século, o conhecimento científico era considerado a única expressão da verdade, incluindo-se o naturalismo literário; tal conhecimento era condição para a modernização social, rumo ao desenvolvimento e ao saber.<sup>4</sup> Porém, enquanto escritores naturalistas relacionavam a normalidade e a saúde da mulher ao casamento e à maternidade, Ercília defendia a liberdade sexual para mulheres casadas ou não, dissociando prazer sexual do ato procriador, o qual ela via como uma questão de opção consciente. Declarando honrada qualquer mulher sexualmente experiente, desde que “ela tenha uma profissão e viva honestamente de seu trabalho” (p. 3), Ercília rompe com o paradigma polarizado de classificação das mulheres em “santas ou prostitutas”.

O cientificismo de Ercília Nogueira Cobra se manifesta em diversas ocasiões. Sua explicação para o adultério, que ela por vezes ironiza, por outras procura justificar, é que “mamíferos são polígamos por natureza, e nenhuma lei humana pode evitar que os instintos se manifestem” (p. 2). Semelhante discurso também aparece na avaliação da educação da mulher, que destoa daquela encontrada entre os animais. Utilizando fatos da natureza para fundamentar seu ponto-de-vista, Ercília escreveu que “a superioridade do homem deve-se à estupidez de uma convenção baseada no preconceito masculino e na conveniência social” (VAH, p. 17).

“As carnívoras vão à caça. A leoa é tão feroz como o leão e a tigre como o tigre. A gata ensina seus pimpolhos a caçar. Mas não lhes ergue o rabo para ver a que sexo pertencem e fazer com que a fêmea fique em casa. A galinha cria seus pintos sozinha. Só entre os homens é que se estabeleceu, graças a mil convenções estúpidas, a supremacia do macho.

Estou citando os animais como exemplo, para chamar a atenção de certos beócios que gostam de falar das coisas mais materiais, de nariz para o ar, fitando as estrelas e inventando os maiores disparates” (VAH, p. 17).

Ao pregar a atividade sexual para ambos os gêneros, Ercília aconselha o uso de métodos anticoncepcionais, que evitariam o infanticídio, o abandono, e as proles excessivamente numerosas.

<sup>4</sup> Conforme Magali Gouveia Engel (1989) “Imagens Femininas em Romances Naturalistas Brasileiros 1881 – 1903”, in *A Mulher e o Espaço Público – Revista Brasileira de História* 18, p. 237-8

Em nenhum momento há qualquer tipo de preocupação eugênica nos textos ercilianos, o que a distingue de outros escritores de seu tempo. Quando prega o controle da natalidade e métodos contraceptivos, antes de mais nada Ercília se preocupa com a independência feminina, a igualdade de direitos, e o direito da criança a uma vida saudável e amparada.

“A mulher precisa saber que o ato de abandonar o filho é o mais perverso que possa ser praticado por uma criatura humana. [...] Nada justifica o abandono de uma criança. A mulher que não tem meios de vida não deve ter filhos. Se o homem a solicita e se ela quer corresponder ao seu afeto, ou se ela é uma sensual e deseja descarregar certos eflúvios malsãos que a incomodam, sirva-se do homem com cautela. Há milhares de meios de evitar a concepção. [...] Nas fazendas onde as proles são de espantar, chegando muitas mulheres a terem um filho por ano, a idéia predominante é a dos tempos romanos” (VAH, p. 19).

“[...] Dizem que a missão da mulher é santa. Antes de nos pormos de acordo com esta opinião devíamos fazer a estatística de quantos prostíbulo, de quantas cadeias, de quantos enjeitados há no Brasil. Não! e não! [...] Enquanto houver um prostíbulo no Brasil, a missão da mulher não será santa” (VAH, p. 20).

Ainda em relação à atividade sexual, Ercília é clara ao afirmar que a distinção entre racionais e irracionais está no fato de que aqueles “também gozam com o espírito, ao passo que os irracionais só gozam com o físico”.

“O gozo deles é um instinto, ao passo que entre os humanos mistura-se com o sentimento e vai ao infinito, podendo ser variado pela imaginação” (VAH, p. 51).

Ercília associa a possibilidade de conquistas femininas a mudanças sociais que somente seriam viáveis através da causa educacional. Rejeitando o papel positivista de “rainhas do lar” imposto às mulheres, em um reino privado, particular e isolado dos problemas públicos do mundo exterior, Ercília clama por um papel ativo para todas as mulheres na sociedade, incluindo-se aí não apenas o direito ao voto e ao trabalho lucrativo, mas também à entrada na modernidade.

“Quem aceitará hoje, no conforto moderno da sua casa, uma iluminação feita com a antiga lâmpada de azeite ou com o detestável candieiro de querosene? Estamos na época da ciência, na época da higiene, na época do asseio, tanto físico como moral. O livre exame campeia universalmente. Abaixo, pois, a hipocrisia

beata da Idade Média! Abaixo as cabeleiras caspentas e mal cheirosas! Para trás com a treva. O homem já se libertou. Chegue a vez da mulher. Queremos o nosso 89! Queremos o nosso 13 de maio!

Basta de resignação! Basta de humilhações! Queremos ser gente! Queremos ocupar nosso lugar na terra!" (VAH, p. 19).

## Ercília ficcionista

Enquanto seu primeiro livro é um ensaio crítico escrito na primeira pessoa, *Virgindade Inútil*, nas palavras da autora a "novela de uma revoltada", se compôs sobre os princípios político-pedagógicos ercilianos. Assim,

"A autora articula neste livro um verdadeiro libelo contra o egoísmo dos homens e diz, em linguagem crua, o que todos pensam. [...]

Sou obrigada no correr deste livro, para clareza do assunto, a usar de expressões que o vulgo ignaro, semi-analfabeto, cuida imorais."

Chamando os homens de "açambarcadores do gozo", "monstros", Ercília lhes avisa que suas cadeias são insuficientes, seus grilhões sexuais são inúteis, já que não podem cercear a imaginação das mulheres, nem o uso que fazem de seus "dedinhos", ousando tocar em dois assuntos-tabu (fantasias sexuais e masturbação):

"Impedis que ela receba no templo as oblações naturais? Mas a imaginação fica livre e os botões sabem fremir de gozo à leve carícia de um dedinho!..." (VI, p. 2).

O fluxo narrativo na novela é freqüentemente interrompido pelo narrador, que enfatiza os pontos relevantes para a autora. Por outro lado, Cláudia, a protagonista, é usada como um veículo para expor os princípios feministas, em falas e em pensamentos. A história é situada numa terra imaginária – nem Estados Unidos, nem Argentina – a qual, apesar de grande e fértil, se caracteriza pelo analfabetismo, doenças e jogatina desenfreada. É povoada por três castas: a dos "piratas"(açambarcadores), a dos capangas (mantenedores do *status quo*), e a "dos que mourejam e pagam o pato".

Ao denunciar a hipocrisia religiosa e a censura na "Bocolândia", Ercília utiliza uma linguagem que em muito lembraria os escritos posteriores de Paulo Freire:

"O analfabetismo é mantido de propósito, para que o povo seja mantido em um estado de estupidez permanente, e em cegueira medieval inconcebível no século vinte" (p. 2).

Através da novela, Ercília enfaticamente condena a instituição do *dote* e os casamentos por conveniência, arranjados, que apenas sobreviviam devido à educação inútil dada à mulher, confirmando desta forma os princípios por ela defendidos no primeiro livro. Há um grau de ironia autorreferencial no fato do narrador lamentar que Cláudia leia romances, desperdiçando assim minutos preciosos "sacrificados no altar da fantasia", e que poderiam ser melhor empregados com leituras sérias e estudos que lhe proporcionassem uma vida independente e autônoma.

Utilizando uma voz desafiadora tanto para explicitar seus princípios como para ilustrá-los através do enredo da novela, Ercília Nogueira Cobra gritou por um feminismo, uma pedagogia e uma práxis emancipadora que promovessem a resistência ao inimigo comum: homens, suas regras, suas leis, seu poder. Assim, a modernidade de Ercília está em propor educação como a base das conquistas e liberdade da mulher, mas ao mesmo tempo lidando com a subjetividade, identidade, poder e saber femininos como fatores indissociáveis da educação formal e da profissionalização. Intelectual engajada na campanha por justiça social, Ercília, além de argumentar coerentemente a favor de uma política de capacitação pedagógica, econômica e social, ousou ainda, em sua escrita, desafiar convenções, fazendo de Cláudia uma heroína que mantém uma relação homossexual temporária sem culpa, medo ou castigo.

Ercília propõe um tipo de libertação feminina que não é intercambiável com a liberdade masculina; o seu é um projeto político de educação para a mulher, com estratégia, modo de ação e fundamentação específicas. Como ensaísta e ficcionista, Ercília colocou seu objeto de preocupação acima dos conflitos entre os poderes rurais de sua origem familiar, e os interesses político-econômicos dessas classes. Na virada do século, Ercília se concentrou na luta pela educação, direitos e independência para a mulher, nada havendo em seu trabalho que a possa acusar de ausência de lucidez ou irracionalismo estético. A ardente defesa da educação profissionalizante para mulheres, em Ercília, não se volta para interesses de aquisição de capital, ou de ascensão social; seu propósito é a libertação e resistência da mulher, só possível através do saber formal e sistemático equivalente ao que é ministrado ao sexo masculino.

## Para concluir

Em que pese sua importância, Ercília Nogueira Cobra é desconhecida do público leitor em geral, e há apenas referências esparsas a seu papel pioneiro, muitas vezes associadas à curiosidade sobre o elemento autobiográfico de sua ficção. Nascida em família de posses, educada em colégio de freiras, fluente em vários idiomas estrangeiros, Ercília entrou a idade adulta como moça pobre, após a morte de seu pai.

Sem dote, diluía-se a possibilidade de achar marido e a perspectiva de uma vida sexual. Semelhante tratamento é dado a sua protagonista, Cláudia, que foge de casa, perde a virgindade (inútil e anti-higiênica) no trem em que viaja para a capital, é enviada para um reformatório pela polícia, a mando da família, e finalmente vive de prostituição. Sua vida muda quando aprende a cantar e vira uma cortesã de hábitos caros, sustentada por amante rico, e bem-sucedida em Buenos Aires.

Pouco se sabe com certeza sobre a vida de Ercília. Sabe-se que algumas edições de seus livros foram feitas por Monteiro Lobato, o prestigiado escritor infantil do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, cujo nome, no entanto, não consta de nenhuma edição; causaria estranheza, certamente, sua associação aos títulos ercilianos. Tratando da subordinação política, sexual, socioeconômica e psicológica da mulher, Ercília examina as estratégias de violência e dominação empregadas no contexto de seu tempo. Sua isenção histórica na modernidade se expressa na compreensão de educação como resistência e subversão do *status quo*, localizando a origem e o horizonte de sua proposta no corpo da mulher.

Intelectual de fronteira, escritora guerreira, educadora revolucionária, Ercília Nogueira Cobra, ao que parece, terminou seus dias como a pianista-proprietária de um bordel no sul do Brasil. Mas não há como estabelecer a fronteira entre realidade e especulação, a menos que um terceiro volume erciliano surgisse para nos dar mais alimento para o pensamento. Até lá, a biografia dessa mulher valente e forte termina exatamente onde ela quis, e nada além.